

---

## O Impacto do Black Lives Matter na Inversão de Regimes de Representação do Jovem Negro em Narrativas Seriadas<sup>1</sup>

Rhayller Peixoto da Costa Souza<sup>2</sup>  
Júlio Arantes Azevedo<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### Resumo

A ascensão do movimento Black Lives Matter a nível internacional deu visibilidade aos dilemas enfrentados pela juventude negra estadunidense, vítima da desigualdade racial, brutalidade policial e encarceramento em massa. O trabalho discute o impacto do movimento para além das ruas, onde causou comoção. Ao expandir-se para as narrativas em séries televisão, a agenda política do *Black Lives Matter* propiciou a inversão de regimes de representação baseados em estereótipos negativos para a população negra. Uma vez invertidas, essas representações criam um ambiente de conscientização e busca por questionamento das estruturas de poder ao humanizar pessoas negras. Em uma análise de episódios das séries ER, Scandal e Grey's Anatomy, o artigo busca entender a influência do Black Lives Matter nos núcleos familiar e político, destacando a perspectiva negra como parte essencial dessa transformação.

### Palavras-chave

Black Lives Matter; estereótipo; juventude; negro; representação

Os acontecimentos que se seguiram após a morte de Michael Brown em Ferguson, Missouri e a projeção internacional do movimento *Black Lives Matter* trouxeram a público os dilemas enfrentados por negros e negras nos Estados Unidos. Parcela significativa da sociedade estadunidense, a população negra representa por meio de sua trajetória no território americano, a luta constante por reconhecimento e superação de mazelas oriundas da escravidão, que teve seu fim em meados do século XIX. As consequências do processo escravocrata permaneceram visíveis, tomando forma na segregação. Esse novo cenário gerou dificuldade no acesso à educação e problemas relacionados à inserção social do negro liberto, que agora marginalizado é entendido

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior - DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Jornalismo do ICHCA-UFAL, e-mail: [rhayllerpeixoto@gmail.com](mailto:rhayllerpeixoto@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do ICHCA-UFAL, e-mail: [julioarantes.ufal@hotmail.com](mailto:julioarantes.ufal@hotmail.com)

---

como um problema a ser combatido, sobretudo após 1965 com o fim das leis de segregação no sul dos EUA. Paralelo a esse momento, como meio de comunicação de grande difusão a partir dos anos 50, a televisão, assim como o cinema, colaborou em reproduzir o que se entendia do negro sob a perspectiva de quem o racializava (HALL, 2016, 212) , descartando enquadramentos que buscassem entender as pluralidades nas vivências de afro americanos e suas realidades para além dos estereótipos firmados durante a servidão. Estereótipos esses que já eram vigentes, mas que ganham força quando as leis passam a não mais impedir negros de frequentarem os mesmos espaços que pessoas brancas.

O objetivo do artigo é apresentar narrativas televisivas e apontar, a partir de suas estratégias de comunicabilidade, um novo modo de trazer a público a discussão étnico-racial estadunidense, distanciando-se de uma abordagem que identifica o jovem negro como um problema a ser solucionado. No centro de um estigma que tem raízes na escravidão, a juventude negra é pautada pela lógica da marginalização. O discurso sustentado pela televisão durante muito tempo dialogou com a naturalização dessas mortes, todavia, essa realidade assume um novo caráter a partir da ascensão do Movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam). Com a dimensão do BLM, a demanda de conscientização sobre o assassinato da juventude negra ganha força em séries americanas, aproximando personagens negros já conhecidos do grande público às questões pertinentes ao tratamento que a população afro americana recebe da sociedade civil e da polícia.

O trabalho utiliza o conceitos de racialização do Outro discutidos por Stuart Hall em *Cultura e Representação* para contextualizar a situação com que os negros foram inseridos no imaginário do público nos EUA, atentando-se para a criação do estereótipo como forma de diferenciação e afirmação de uma identidade branca. Para isso, três séries são abordadas sob essa ótica: *E.R*, *Grey's Anatomy* e *Scandal*, enfatizando questões raciais no desenvolvimento da tramas. Dessa forma, o artigo destaca dois eixos de atuação no quais os seriados escolhidos mostram o impacto da morte de jovens negros: o ambiente político e o núcleo familiar, como formas de conscientização. A influência do *Black Lives Matter* e seu caráter performático ao assumir nas ruas a

---

responsabilidade de chamar a atenção para a causa é explicada segundo o conceito de performance social na obra de Jeffrey C. Alexander. Ao inserir a desigualdade racial, brutalidade policial e encarceramento da população negra na agenda política das séries americanas, a televisão possibilita a essa parcela da população disputar espaços de fala e enquadramento, criando narrativas a partir de uma perspectiva negra. O destaque direcionamentos que retratem mulheres e homens negros de modo plural é abordado por Patricia Hill Collins ao discutir a significação sociológica do pensamento feminista negro, apresentando um novo modo de enxergar afro americanos ao reverter seus estigmas negativos. Por fim, o trabalho propõe um debate acerca de uma visão mais humanizada da masculinidade negra através do trabalho de bell Hooks.

### **Direitos civis e novos desafios do negro racializado**

A organização social após o fim das leis de segregação em 1965 no sul dos EUA colaborou, institucionalmente, com a inserção de pessoas negras em espaços antes negados. O processo foi importante para conquistas civis como direito ao voto e acesso a escolas. No entanto os problemas do negro ultrapassavam as vivências em espaços físicos. A separação instituída pelo conceito de raça, alçado como estratégia de tornar diferente o não-branco, a fim de consolidar própria definição do que é ser branco ia além do espaço físico, encontrando no racismo um instrumento poderoso de controle e subordinação de negros e negras. A caracterização do negro era feita conforme as demandas de quem o rotulava, buscando em um primeiro momento justificar a diáspora africana. Stuart Hall evidencia que o estereótipo aparece como uma estratégia a fim de sustentar a “prática de uma significação central para a representação da diferença racial” (HALL, 2016, p.257). Essa demarcação do diferente para se chegar ao parâmetro do que é normal aparece no Ocidente em três momentos: durante a escravidão no século XVI, na colonização e partilha da África no chamado neo-imperialismo e por último no pós segunda guerra mundial com a migração negra para a Europa e o Norte da América.

Os meios comunicação exerceram um papel importante na consolidação da imagem dos povos africanos e seus descendentes, entrando nos lares através da publicidade em meados do século XIX durante o já citado neo-imperialismo. A colonização como troféu ditou o modo com que as famílias brancas enxergavam

---

afrodescendentes nos países escravizados, recorrendo ao uso de marcadores que atestassem suas diferenças dos subalternos. Este tráfego bidirecional forjou conexões entre o imperialismo e a esfera doméstica, pública e privada. Os bens (e a imagem da vida doméstica inglesa) fluíram para as colônias: as matérias-primas (e imagens da “missão civilizadora” eram trazidas para casa (HALL, 2016, 163). A entrada do negro sob a visão imperialista forjou um regime de representação pautado pela justificativa branca de intervencionismo, impossibilitando, no primeiro momento um mecanismo em que afrodescendentes pudessem desmistificar esses estereótipos. Dyer (1977), ao discorrer sobre tipos e estereótipos, aponta para uma diferenciação baseada nas relações de poder envolvidas na classificação de algo ou alguém como algo fora do normal. O autor argumenta que o uso de tipos é um processo do nosso modo de classificar as coisas. A diferenciação entre garfo e colher, por exemplo, se dá pela tipificação que caracteriza ambos os objetos e é a partir daí que seu sentido individual é extraído. Por outro lado, os estereótipos se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis facilmente compreendidas e amplamente conhecidas” sobre uma pessoa: tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são depois exagerados ou simplificados (HALL 2016, p. 191).

A chegada da televisão traz um novo panorama à situação do negro, não muito diferente do sustentado por seus antecessores já que esta incorpora a estrutura do jornal impresso e do rádio, tendo uma essência publicitária e sendo sustentada por ela (BIANCHINI, 2017, p.4). Não é a pretensão deste artigo, no entanto, discutir a televisão como principal agente do problema dos estereótipos raciais, mas sim entender como esse meio de comunicação também foi afetado pela perspectiva imperialista na abordagem da população afro americana. Retornando aos regimes de representação, “o que se entendia por negro” ganha um espaço na tv, que por muito tempo reforçou os estereótipos negativos. Recentemente essas abordagens têm ganhado uma nova roupagem nos produtos audiovisuais televisivos, em especial os seriados.

#### **A morte de Jesse Robbins em E.R**

Um dos dramas principais dramas médicos da televisão americana, *E.R* (1994-2009, NBC) trouxe um debate relevante para a questão representativa negra no

---

início dos anos 2000. A série, que narra o dia a dia de um pronto socorro em um dos maiores hospitais de Chicago, contava com dois personagens negros em seu elenco principal, um deles mostrado como um homem brilhante e um dos mais talentosos cirurgiões da cidade, Dr. Peter Benton. O sexto episódio da sétima temporada, intitulado *The Visit* apresenta a história de Jesse Robbins, um jovem negro que é baleado ao se envolver emocionalmente com uma garota membro de uma gangue. Entende-se o caso como grave e medidas drásticas para conter os estragos causados pela bala são tomadas, com a médica do plantão abrindo o tórax do adolescente sem saber que se trata do sobrinho de um de seus colegas de trabalho, Dr. Peter Benton, único negro que compõe a equipe principal de médicos da série. O enfoque dado a Jesse antes e depois de ser reconhecido enquanto sobrinho de um dos protagonistas passa a ser ponto de reflexão entre os médicos, que se perguntam o quão acostumados estão a receber rapazes naquelas condições e não refletir sobre o quão trágicas são essas situações. Um dos médicos, Dr. Malucci chega a fazer uma piada antes de descobrir que o rapaz é familiar de um dos presentes alegando que “nem adianta fazer muito esforço para tentar salvar o rapaz porque esse ali já era”. A morte de Jesse causa espanto em Peter e em sua irmã Jackie, que está ansiosa à espera de notícias sobre o filho. Após consolá-la, Peter volta ao trabalho, lamentando não ter conseguido intervir no destino do rapaz. O que permanece, no entanto, é a sensação de que Dr. Benton é a exceção da família ao obter sucesso profissional, afastando-se das problemáticas tidas comuns à juventude periférica estadunidense. Normalizar a condição de jovens negros no audiovisual televisivo é parte de uma prática discursiva importante para a perpetuação de uma visão limitada no combate a mortes desse tipo. Segundo Martha Yépez-Traverso, “vemos que as ideologias permeadas nas práticas sociais, especialmente nas discursivas, são mais efetivas a partir do momento que, por sua persistência, chegam a ser naturalizadas”. (TRAVERSO-YÉPEZ, 1999. p. 52-53). A reação dos médicos aponta para a inércia do próprio modo de construir tramas televisivas afastando de si a responsabilidade pelo problema em questão. Ao tratar da violência com a qual o jovem negro está exposto a série optou por um abordagem que destaca a reação dos médicos, enfatizando que ainda que se apresente como problemático, Jesse Robins é parte de uma esfera de relações

---

sociais que o constituem enquanto ser humano. O impacto social que humaniza a trajetória de jovens pessoas negras ganha destaque com o movimento *Black Lives Matter*, iniciado em 2012 e que toma proporções mundiais em 2014.

### **Transformações sociais a partir da ascensão do Black Lives Matter**

Nascido da insatisfação da população periférica afro americana com a incidência de homicídios da juventude negra, o movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) começou a ganhar força na internet em 2012 como o uso de *hashtags* em forma de protesto contra a absolvição do policial George Zimmerman, que foi a júri pela morte de Trayvon Martin. À época do homicídio, ocorrido em Sanford, na Flórida, Martin tinha 17 anos e era estudante do ensino médio em Miami Gardens, no mesmo estado. A absolvição foi feita baseada na alegação de legítima defesa do acusado, o que desencadeou manifestações em todo o país. Dois anos depois, o *Black Lives Matter* ganharia projeção internacional por seu engajamento ao buscar justiça por outras duas vítimas fatais de brutalidade policial: Eric Garner em Nova York e Michael Brown em Ferguson, Missouri. O movimento também chama atenção para a discriminação racial e o encarceramento em massa da população negra nos EUA. Jeffrey C. Alexander ao analisar a performance social no BLM, diz

A partir de 2012, um tal movimento, fortemente performativo, pelos direitos civis dos negros começou a tomar forma. Os disparos de policiais contra homens negros têm sido rotina há décadas, mas só raramente ganharam visibilidade pública. Isso mudou quando mobilizadoras, apoiadas nas tecnologias de internet, criaram slogans sucintos e sugestivos, e símbolos visuais, disseminando-os nas redes sociais. Quando seus celulares e computadores acenderam, dezenas de milhares de corpos negros tomaram as ruas, em manifestações coreografadas que sugestivamente contrastavam a inocência negra com a brutalidade policial. Antes uma rotina, os disparos da polícia transformam-se agora em drama atroz, de incontestável abuso de autoridade. (ALEXANDER, 2017, p.27)

Apoiado na teoria da performance social, desenvolvida a partir da teoria do drama e do pensamento de Émile Durkheim, Alexander chama a atenção para como o *Black Lives Matter* levanta a bandeira da morte de jovens negros e dissemina seu posicionamento contrário à prática para todo o mundo por meio de *hashtags* em redes sociais e coreografias em protestos de rua. Alexander (2004) completa que em contextos sociais mais pluralistas, os elementos que o protesto social precisa reunir para produzir

---

performances impactante, e para projetá-las de modo a criar vínculo com seus públicos, encontram-se separados. Reintegrar esses espaços é, segundo ele, começar do zero na articulação, dados demográficos (neste caso, incidência da população negra, que é insatisfeita com a brutalidade policial) e dramas genuínos e francos.

Para além da produção massiva e efetiva de performances sociais que chamam a atenção do público para o assassinato dos jovens, o protagonismo assumido por pessoas negras, exigindo suas demandas a nível nacional e internacional é um fator a ser comemorado por não se limitar às ruas. Em sua pesquisa *Black Lives Matter: Pain, Protest and Representation*, Austin D. Hoffman mostra como no movimento, a dor coletiva de é transformada em sinais criativos que chamam a atenção para a opressão de diversas formas. As constatações desse estudo etnográfico mostram a relevância da população negra encabeçando essas lutas

Como já ouvi várias vezes de outros manifestantes e ativistas, “a polícia matando pessoas negras não é novidade; as pessoas que finalmente se levantam e tomam medidas sobre o assunto são novas.” Os milhares que tomaram as ruas de Ferguson e St. Louis no outono de 2014 o fizeram em resposta a uma longa história de discriminação racial, privação econômica e força que os tratou não como constituintes a serem protegidos, mas sim como possíveis criminosos e fontes de receita a serem extorquidas (Departamento de Justiça dos EUA, 2015). (HOFFMAN, 2017, p. 226 tradução do autor)

As ações efetivas tomadas para combater os dilemas do assassinato da juventude negra tomam proporções não só nas ruas, mas também no audiovisual televisivo. Nas séries de tv americana, regimes de representação racistas têm sido combatidos com abordagens humanizadas da situação de jovens negros. Essa abordagem, que classifico como um modo intervencionista de representatividade - em que o negro não apenas sofre as causas da segregação e do racismo, mas intervém ativamente na busca por respostas e conscientização coletiva - ganha destaque a partir das manifestações pró-juventude negra. A segunda parte do artigo vai discutir o impacto do *Black Lives Matter* em dois núcleos da vida social: política e familiar sob a ótica de duas séries, *Scandal* e *Grey's Anatomy*.

### **Manifestações de rua como instrumento político em *Scandal***

O encontro da trama de *Scandal* (2012-2018, ABC) com o movimento *Black Lives Matter* se deu em *The Lawn Chair*, décimo quarto episódio da quarta temporada da



---

série. Nele, um jovem negro é morto injustamente por um policial, o que causa comoção e revolta na população da periferia de Washington. A ex-assessora da Casa Branca, Olivia Pope, resolvedora de problemas políticos e sociais é chamada para conter os atos que passam a incomodar a elite local. O drama político, primeiro a ser protagonizado por uma mulher negra nos EUA em quase quarenta anos já debatia a permanência de pessoas de cor em espaços de poder, mas foi com a referência nítida ao assassinato de Michael Brown que a desigualdade social de afro americanos entrou em cena. As locações da alta classe de Washington deram lugar a uma periferia sofrida, que via nas manifestações o instrumento político que precisavam para reivindicar seu lugar enquanto seres humanos. Para a protagonista, pertencente a uma parcela de negros privilegiada da capital dos Estados Unidos, lidar com as demandas da população mais carente funcionou como um chamado para trazer os problemas do outro para si. Olivia Pope se une aos protestos e passa trabalhar para que o caso seja resolvido. No que se refere à série, Scandal saiu do campo da observação e passou a tratar problemas de desigualdade racial e social de uma forma incisiva. O foco não é o mérito da personagem principal, negra e rica, que não se iguala aos demais. A voz dos protestantes, assim como suas falas ganham protagonismo. É importante ressaltar que a família (na qual falarei com mais ênfase depois) tem um papel importante ao reivindicar o jovem baleado enquanto pessoa. O pai de Brandon, o menino alvejado, se manteve ao lado do corpo exigindo respostas sobre a morte do filho, levando a personalidade que o *Black Lives Matter* tinha nas ruas para a televisão.

O impacto desses referendos simbólicos tem sido o de ampliar a empatia e a identificação com a classe marginalizada. Até recentemente, segundo Pew (2015), “a opinião pública estava [...] muito dividida” em relação à necessidade ou não de mudanças significativas para alcançar a igualdade racial. Em julho de 2015, após três anos de mobilização social, para cada americano satisfeito com o status quo havia dois que acreditavam serem necessárias mudanças profundas: “Essa mudança na opinião pública está em toda parte. Parcelas cada vez maiores da população, em todas as regiões do país, e em todos os grupos demográficos e partidários, afirmam que o racismo é um problema sério e que é preciso fazer mais para alcançar a igualdade racial” (PEW, 2015 apud ALEXANDER, 2017, p. 226).

A adequação de narrativas envolvendo pessoas negras com as demandas do *Black Lives Matter* é um comportamento chave da televisão, que consegue, com sucesso,



---

adaptar as histórias para si. O êxito é explicado porque o gênero, classificação que engloba vários formatos, não é desassociado do fator histórico cultural. Dessa forma, trabalhar com a identificação do público é importante e garante uma melhor recepção do produto. Se antes a periferia não era algo visto em Scandal, o fator histórico associado às mortes de jovens negros contribuiu com a visibilidade que a questão passa a ter a partir daí. Com isso o *Black Lives Matter* não age apenas como performance social nas ruas, mas consegue ir além, tornando a brutalidade policial e desigualdade racial parte da trajetória de afro americanos e pauta política a ser abordada nas séries de tv, produtos de extrema popularidade nos EUA.

### **A humanização de jovens negros em *Grey's Anatomy***

Contar a história de pessoas negras tem sido um desafio para *Grey's Anatomy* (2005 - presente, ABC) em de suas 15 temporadas. O drama médico escrito por Shonda Rhimes é hoje o mais longo produto televisivo estadunidense do gênero e vem ao longo dos anos estreitando cada vez mais os laços com o ativismo negro, contribuindo através de suas histórias com a conscientização e atestando o poder que as manifestações sociais possuem ao serem veiculadas nas séries de tv. A adesão de *Grey's Anatomy* a esse tipo de abordagem não começou agora, visto que desde sua estreia a representatividade negra era nítida, onde três dos principais personagens eram afro americanos e responsáveis pela formação profissional de outras pessoas. O modo de retratar o negro em outra esfera social resultou em mudanças positivas ao longo dos anos, conforme evidencia Souza.

A trajetória de sucesso dos três personagens imprimia uma das características do seriado: a diversidade. Shonda Rhimes, criadora e produtora executiva da série, mostrava questões raciais de modo tímido durante as primeiras temporadas. No entanto o fato de Bailey, Burke e Webber aparecerem em tela demonstrando sucesso profissional, direcionava a produção para o modo com que seus outros personagens seriam conduzidos nos próximos anos (...) É essa lógica de espaços, postos de trabalho e relações interpessoais que *Grey's Anatomy* quebra ao inserir três negros bem sucedidos profissionalmente e responsáveis pela formação de estudantes de medicina (SOUZA, 2019, p.232)

Caminhar na contramão de um dos estereótipos mais comuns usados ao retratar pessoas negras ( o ofício de baixo prestígio social) possibilitou à série encontrar tramas para seus personagens que vão além do estigma do pós-escravizado. Trabalhar o

---

equilíbrio de histórias que não caíam nesse dilema é um exercício essencial para que haja pluralidade em qualquer produto televisivo que queira discutir negritude. Na série também criada por Shonda Rhimes, analisaremos o segundo eixo que sofreu influência do *Black Lives Matter*: a família. Miranda Bailey, uma das três médicas negras do elenco original é o destaque do décimo episódio da décima quarta temporada, *Personal Jesus*. No episódio a médica é chamada para atender Eric Sterling, uma criança negra de 12 anos baleado no pescoço por um oficial da polícia ao tentar escalar a janela de sua própria casa após esquecer a chave. O ferimento causa complicações e o menino não resiste, trazendo novamente o debate sobre o tipo de tratamento reservado a jovens negros pelas autoridades. A insatisfação dos médicos, o choque causado pela ação ostensiva da polícia e o modo com que a família Sterling é amparada pelos policiais são vistos como ofensivos e refletem as dificuldades na humanização da juventude negra. Eric vivia em uma típica família nuclear com seus pais e irmãos em um bairro classe média de Seattle, mas foi entendido como suspeito antes e alvejado sem qualquer chance de explicação.

A condução dada ao caso pelo seriado destacou a desigualdade racial apontando o acontecido como um problema corriqueiro, diferente do modo isolado com que E.R tratou a morte de Jesse Robbins. Não é o objetivo do trabalho comparar as abordagens para que se tenha um modo certo e um errado de discutir mediação da morte de jovens negros. Todavia, cabe à pesquisa atestar como o enquadramento e a perspectiva negra fazem diferença quando um problema de cunho social aparece em séries de televisão, levando em consideração que esse é um produto que os Estados Unidos dominam como nenhum outro país (SOUZA, 2015, p.141). Em “*Personal Jesus*”, Zoanne Clack e Kevin Rodney Sullivan, escritora e diretor, respectivamente, são negros. O desfecho se dá com Bailey e seu marido Ben Warren tendo a “*the talk*” (a conversa) com o filho, Tucker. Diferente do uso comum da expressão, o diálogo entre eles não tem a finalidade de introduzir a sexualidade no campo de aconselhamento dos pais, mas a violência policial. Com isso, *Grey’s Anatomy* mostra a diferenciação existente entre a criação de um menino negro e a de um branco, onde a chegada da juventude - período pelo qual Tucker está passando - implica em mais do que o início da

---

puberdade, mas no status de alvo em potencial que jovens negros adquirem ao alcançarem certa idade .

O ponto inicial para a construção do diálogo com Tucker é a personagem Miranda Bailey. Mulher e negra, suas aparições de início aparentavam sustentar um dos estereótipos comuns: Sapphire. De acordo com Patricia Hill Collins (2016) Sapphire foi uma personagem negra do programa de rádio Amos n' Andy, famoso nos EUA dos anos 30. Caracterizada como uma mulher negra brava e de difícil convivência, o jeito com que Miranda era retratada na série não diferenciava-se do que já havia sido mostrado sobre mulheres em sua condição. No entanto, um processo de reparação passou a nortear o modo com que a personagem ia sendo conduzida e com o tempo passa a ser perceptível na série o que Stuart Hall denomina como inversão de estereótipos. Hall indica que o campo de representação não é estático e desde a década de 1980 até hoje as maneiras pelas quais as diferenças raciais e étnicas têm sido codificadas dentro da representação popular continuam a ser deslocadas por meio de novos padrões emergentes (HALL, 2016, p. 224). Seguindo essa linha de raciocínio, os padrões emergentes atuais evocam a transformação de caricaturas de mulheres negras em seus papéis plurais na sociedade. Patricia Hill Collins ao apresentar o pensamento feminista negro, atenta para o uso do estereótipo como modo repressor de classificação de mulheres negras, uma negatividade que estas adquirem ao lutar contra o patriarcado e opressões estruturais

O ato de ridicularizar mulheres assertivas ao denominá-las de Sapphire reflete o esforço de colocar todas as mulheres em seus devidos lugares. Em seus papéis como figuras centrais na socialização da próxima geração de adultos negros, mães fortes são igualmente ameaçadoras, pois elas contradizem visões patriarcais das relações de poder da família. Ridicularizar mães negras fortes ao rotulá-las de matriarcas reflete um esforço similar de controlar outro aspecto do comportamento de mulheres negras que é especialmente ameaçador ao status quo. (HIGGINBOTHAM, 1982 apud COLLINS, 2016, p.104)

Se Grey's Anatomy se consolidou enquanto uma série que busca ressignificar esses estereótipos a fim de dar uma nova roupagem às causas sociais, Bailey representa a figura central de socialização da próxima geração de adultos negros. Percebe-se aí um processo de reorganização de representatividades que culmina em uma abordagem humanizada da família negra: a mulher deixa de ser encenqueira e é lida como forte,

---

logo, seu filho não é visto como um homem perigoso em potencial, mas como membro de um núcleo familiar chefiado por sua mãe. O não distanciamento da causa, chamando a atenção dela pra si tem ligação com o anseio da população por se ver parte da trama. Essa influência do *Black Lives Matter* nas narrativas seriadas possibilitou ao negro se colocar no status de família, a despeito da ideia de ameaça que permeava suas representações, e a partir disso reivindicar seus direitos.

### **Considerações Finais**

A busca por representatividade na televisão se mostra necessária, mas com ressalvas a depender do modo com que negros estão sendo retratados. Hall apresenta os regimes de representação como formas de enquadramento na qual negros e negras estão sujeitos, uma vez que foram estigmatizados com estereótipos negativos a partir do neo-imperialismo. Dyer, diferenciando tipificação e estereótipo, mostra o quanto as relações de poder estão associadas ao modo com que negros têm sido vinculados a características negativas em um processo que visa, antes de tudo, legitimar a identidade do branco. Os meios de comunicação trataram de consolidar essa imagem promocional da supremacia e mais tarde, a televisão estadunidense ao ser alçada a comunicação de massa replicou esses estereótipos em suas séries, uma vez que tinha bases no rádio e na publicidade. A mudança no entanto foi sentida através da tomada de espaços por pessoas negras em um modo diferente de representatividade, onde o negro não é apenas mostrado, mas possui uma voz. Essa representatividade intervencionista retoma os espaços de fala ao negro, fazendo com que este não tenha apenas a oportunidade de aparecer, mas de discutir a partir daí seu lugar no mundo. No capítulo *Escolarizando homens negros*, a teórica feminista bell Hooks pesquisa processos educacionais a partir da biografia de intelectuais negros, enfatizando suas lutas para saírem da má fama que lhes era imputada

Durante os períodos sombrios da legalmente sancionada segregação racial, da discriminação e da opressão, homens negros de todas as classes estavam conscientes da necessidade de resistir a estes estereótipos. Eles estavam conscientes de que abraçar o estereótipo poderia ser fatal. (HOOKS, 2004, p. 679)

Se abraçar os estereótipos é fatal, cabe aos próprios negros serem enunciadores de suas características, atestando a pluralidade de suas personalidades e discutindo, a

---

partir desse viés, temas pertinentes que vão na direção contrária ao enquadramento histórico dado por brancos a essa parcela da população. Estigmatizados, os negros dos EUA se viam presos em um arquétipo negativo que garantia sua aparição na televisão mas não lhe dava voz. Este é um processo antigo que vem ganhando espaço, como atestado no trabalho, desde o início da década passada em séries como *Grey's Anatomy* e *Scandal*. A chegada do *Black Lives Matter* e sua ação performática saíram das ruas e tomaram a televisão, chamando negros e negras para discutir e entender as problemáticas de um dilema social que lhes dizia respeito. Em termos de representatividade por representatividade, sua ação ia além: trazia pessoas negras para a reflexão de que aquele poderia ser um ente querido ou até a si mesmo. Em um histórico de representação segundo de perspectivas brancas, a tomada de decisão de mulheres e homens negros a partir das experiências do *Black Lives Matter* têm surtido efeito na conscientização e adesão à causa, mostrando que a ocupação desses espaços e reivindicação de narrativas se somam à luta diária pelo fim da desigualdade social e opressão policial.

### Referências bibliográficas

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2016

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Ed. Summus Editorial, 2015

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha. **Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia social**. Estudos de Psicologia, v.4, n. 1, p. 393-599, 1999

HRENECHEN, Vanessa Cristina Abreu Torres (Org.). **Ciências da Comunicação**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019

DYER, Richard (Org.). **Gays and film**. Londres: British Film Institute, 1977

HOOKS, bell. **We real cool: black men and masculinity**. Ed. Routledge, 2003

BIANCHINI, Maira. **As Eras da TV dos Estados Unidos: História e Contexto das Séries Ficcionalis Televisivas**. 11º Encontro Nacional de História da Mídia. Anais do Encontro, 2017.

HOFFMAN, Austin D. **Black Lives Matter: Pain, Protest, and Representation**. Midwest Journal of Undergraduate Research, Monmouth v. 7, 2017, p. 223-243.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider whithin: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Revista sociedade e Estado, v. 31, n. 1 jan/abr 2016, p. 99-127

ALEXANDER, Jeffrey C. **A tomada do palco: performances sociais de Mao Tsé-Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje.** Sociologias, Porto Alegre, ano 19, no 44, jan/abr 2017, p. 198-246

